

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 90	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 45, RUA DO LORETO, 45 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35500	18900	6950	8120	21 DE JUNHO 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possessões ultramarinas, (idem).....	45000	25000	-3-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	55000	28500	-5-	-8-		
Brazil (moeda fraca).....	155000	78500	-5-	-8-		

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LONATO. — Emilio Littré, THEOPHILO BRAGA — Bi-centenario de Calderon em Madrid, MARIANO PENA — José d'Azevedo Pereira da Silva, ALBERTO OSORIO DE VAZCONCELLOS — Lourenço Marques, AUGUSTO DE CASTILHO — Congressos Anthropologico e Literario, trabalhos dos congressos, B. — A Guerra do Pacifico, G. — Um quadro de Erasmo, A. FERREIRO DE CARVALHO PEREIRA — Publicações.

GRAVURAS. — Emilio Littré — Bi-centenario de Calderon, cortejo historico desfilarando ante a estatua do poeta, na praça do Oriente em Madrid — Conselheiro José d'Azevedo Pereira da Silva — Africa Portuguesa, Lourenço Marques, Hospital-barraca — A Microcephala Bemvinda, apresentada ao Congresso Anthropologico de Lisboa — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Não agradou este anno o espectáculo religioso, que se serve todos os annos ao publico de Lisboa com o titulo de procissão do Corpo de Deus.

Alguns espectadores mostraram o seu desagrado, e os comparsas, sem se lembrarem que são pagos pelo publico revoltaram-se contra elle e obrigaram-n'o a sair dos seus logares.

Houve tumulto, houve terror e o espectáculo acabou á pressa, atabalhoadamente. no

meio d'uma confusão indisciplinavel. Dececidamente o gosto do publico já não está para estas diversões, e o genero ameaça proximo fim.

E assim deve ser, logicamente.

As procissões d'antes eram actos perfeitamente religiosos, que todos, tanto quem os

fazia como quem assistia a elles, tomavam a serio. Pegava-se n'um andor, e corria-se a cidade com elle ás costas na esperanza de chegar ao paraizo mais depressa. Hoje, quem pega n'elles tem apenas certeza de chegar á Saude, ou a S. Roque, e mais devagar do que se fosse sem coisa alguma aos hombros.

O povo via n'essas longas procissões em que desfilavam compridas collegiadas, numerosas confrarias, um acto piedoso, uma cerimonia sacra, que tinha uma grande significação religiosa, e ia para ellas com toda a sua devoção, com todo o seu recolhimento beatifico.

Hoje vê n'ellas simplesmente um espectáculo, mais barato, mas tambem menos divertido de que os outros espectáculos que por ahi ha, e em vez de levar para lá devoção, leva namoros, em vez de recolhimento beatifico, chapéu novo e luvas do centro commercial.

Desde o momento em que isto assim é, as procissões não tem rasão de ser. Com a sua significação religiosa eram actos solemnes, sem ella são apenas espectáculo grotesco.

As multidões curvavam-se respeitosas diante d'aquelles, diante d'este chacoteam insolentemente.

Não queremos fazer reflexões philosophicas sobre o caso, citamos apenas os factos incontestaveis que todos viram, e que todos vêem.

Não somos d'aquelles que em nome da liberdade moderna pedem a



EMILIO LITTRÉ — Fallecido no dia 2 do corrente

(Segundo uma photographia de Reutlinger)

proibição de qualquer corporação passear, ás suas costas pelo meio da rua, aquillo que muito bem lhes appetecer. Passeiem á sua vontade o que quizerem e por quanto tempo quizerem.

Havia um homem que tinha o nariz todo cheio de pustulas. Consultou uma immensidade de medicos. Todos elles lhe aconselhavam o cortar o nariz. O homem recuava horrorisado ante a sentença. Por fim vai consultar uma suavidade cirurgica.

Depois de rapido exame, o paedcente pergunta atterrido:

— Então é preciso cortar o nariz?

— Não é preciso.

— Ah! exclama o homem radiante.

— Não, continuou o medico, isso cáe por si.

Com as procições ha de acontecer o mesmo. Não é preciso prohibil-as, não de cair por si.

E já vão caindo. A procição do dia 16 mostra evidentemente isso.

— A Academia de Bellas-Artes de Lisboa foi agora presentada com dois brindes de valor.

Ainda bem, que alguém se vai lembrando d'ella, coitada. Um d'esses brindes é feito pelo sr. visconde de Franco e consta do quadro do pintor Munos, *Othello*, premiado na recente exposição de Madrid.

O outro é um quadro do notavel pintor hespanhol Placencia, intitulado *Um toureiro*, e offerecido á Academia pelo seu proprio auctor.

A respeito do primeiro quadro ha dissidencias na critica hespanhola, e alguns jornaes censuraram o jury por lhe ter conferido o premio, quando havia na exposição obras que melhor o mereciam. Quando o quadro fór exposto na nossa Academia veremos quem teve razão, se o jury, se esses jornaes.

— E a respeito dos premios de Madrid, registremos com honra que alguns d'elles e dos primeiros couberam a artistas portuguezes. Os nossos notaveis esculptores os ars. Soares dos Reis e Simões d'Almeida tiveram um a medalha de 1.ª classe, outro uma medalha extraordinaria. E os srs. Nunes Junior, gravador, Monteiro, architecto, e Loureiro, pintor obtiveram tambem medalhas de honra.

— A estação theatral pôde-se dizer já terminada. A não ser a Trindade, que está fazendo grandes receitas com uma *pochade* em 3 actos, *Piperlin*, que tem sobretudo a vantagem de ser reprentada com muita graça, todos os outros theatros fecharam já as suas portas. Começa agora a contradança theatral de verão.

Os theatros de Lisboa vão para as provincias: D. Maria já lá está: o Gymnasio esteve, agora acabou as suas escripturas: a Rua dos Condes chegou ha pouco tempo de lá, e só a Trindade é que não viaja, deixando os mezes das férias para villegiaturas dos seus artistas.

Este anno os theatros da provincia completam a contradança, vindo para cá.

A companhia do theatro do Principe Real do Porto, já chegou a Lisboa, e estreia-se amanhã ou depois no theatro dos Recreios.

A companhia traz artistas de merecimento e alguns já favoravelmente conhecidos em Lisboa: a sr.ª Thomazia Velloso que ha dois annos teve um grande successo, no theatro do Principe Real de Lisboa, e a sr.ª Manzoni que depois de cantar com applauso em S. Carlos fez com agrado duas epochas no theatro da Trindade.

Raras vezes as companhias do Porto veem a Lisboa. Parece que isto é uma experiencia. Veremos que tal se dá.

O que é certo é que isto de theatros se mal estava peor se nos afigura para o anno.

D'antes Lisboa tinha uma rasão de queixa, — a mesma que tem actualmente o Brazil — as companhias estrangeiras que inundavam a cidade e faziam uma concorrência terrivel aos theatros portuguezes.

Essa rasão de queixa, acabou, mas os theatros não melhoraram. Pelo contrario, até. Quaes são as rasões d'essa decadencia visível e assustadora, quaes os meios de a combater?

E' um problema complicado, e difficilimo, duas rasões para não o tratarmos, senão houvesse uma superior a todas, o não podermos dispor de nem mais uma linha sequer.

GERVASIO LOBATO.

EMILIO LITRÉ

A França acaba de perder um dos seus homens mais eminentes, e que pela actividade litteraria e scientifica actuou profundamente em todo o occidente europeu; Emilio Littré falleceu na madrugada do dia 2 de junho de 1881. O nome d'este hoazin era um symbolo de constancia no trabalho, de prohibida nas acções, de tolerancia nas relações domesticas e sociais, de desinteresse na propaganda da verdade, servindo com a sua clara intelligencia a pratica do livre-pensamento e com a sua inteira moralidade a causa da democracia. A sua vida resumese em uma maxima, por elle apresentada em uma das advertencias do seu Dicionario: «Planear servico como quem tenha de viver com annos, e executar como quem tem de morrer amanhã.»

Tal foi a divisa que cumpriu no desdobramento successivo da sua actividade. O caracter era n'elle maior do que o talento, e é por isso que não deixando um livro completo da historia, de philosophia, ou de investigação scientifica, dispoude a sua lucidez na vulgarisação das doutrinas dos outros, como na traducção critica de Hippocrates, da *Historia natural* de Plinio, da *Vida de Jesus* de Strauss, e na applicação constante do criterio da *Philosophia positiva* de Augusto Comte, submettendo-se com abnegação a uma posição subalterna, mas em que exerceu uma influencia mais vasta e por isso mais fecunda do que os grandes iniciadores. Foi o caracter, o sentimento da justiça segundo as urgencias de cada instante, que o vincularam á imprensa politica, e ás revistas scientificas e litterarias, condensando admiravelmente, e em um estylo nitido, em um francez temperado pelo bom senso de Montaigne e pela delicadeza de observação e graça de Sévigné, a doutrina das obras mais importantes do seculo, chamando para ellas a attenção de todos. Faz lembrar a situação de Francis Jeffrey, no principio d'este seculo na *Revista de Edimburgo*. A obra de Littré é fragmentaria, formada dia a dia com as esplendidas monographias escriptas para as principais revistas francezas, com as quaes formava livros, como a *Histoire de la langue française, Etudes sur les Barbares, Littérature et Histoire, Médecine et Médecins, Glossaires philologiques, La Science au point de vue philosophique, Conservation, Récolation, et Positivisme, Établissement de la troisième République*, e os *Fragments de philosophie positive et de Sociologie contemporaine*. E' nestes trabalhos secundarios, que Littré revelou o alcance dos seus pontos de vista scientificos e philosophicos, a clareza serena do seu estylo, e pelo julgamento das questões quotidianas tomougo a ser attendido como um espirito orientador de uma nova mentalidade. Em rigor a sua obra contrasta com a grande influencia moral que exerceu, mas esta deve attribuir-se mais á applicação immediata das doutrinas philosophicas sobre os factos occorrentes, do que á novidade e originalidade dos seus livros. Pela eminencia do caracter deixou de ser um espirito subalterno, confinado na mediania dos trabalhos de traducção e de lexicologia; sem este ponto de vista será difficil julgar a individualidade proeminente de Littré. A sua vida é uma comprovação constante da validez d'esse caracter, e, quando proximo dos oitenta annos balanceava a sua existencia, resumia o caminho percorrido em uma simples phrase: todas as distincções e honras sociais que recebera vieram-lhe pela espontaneidade da eleição. Grandemente bello.

Littré nasceu em 1 de fevereiro de 1801, filho de um sargento-mór de artilheria, que se distinguira em combates navaes; sua mãe era filha de um revolucionario da Montania assassinado sob o terror, o conservou sempre esse caracter corajoso e integro, que Saint Baise define *C'était une romaine*. Não admira que Littré, que assistiu a todas as grandes crises politicas e sociais d'este seculo, que luctou com a indigencia, e com a aversão do cosarismo, enisse temperado com a energia das sublimes, dos martyres, dos vencedores. Em 1819 terminou os primeiros estudos para entrar no curso de mathematica da Polytechnica, preferindo pouco depois seguir a medicina, cuja formatura não concluiu pelas difficuldades que o envolveram com a morte de seu pae em 1827. Deixando incompleto o curso medico, delieou-se ás lições particulares de latin e de grego até 1831. A agitação politica fez-lhe apparecer no espirito a orientação da epocha revolucionaria, e o homem sereno e pacifico que todos admiraram na discussão das theorias scientificas, obedeceu a essa tendencia organica, portando-se como um bravo nas barricadas de Paris. Foi ainda a agitação politica que o fez entrar para a redacção do *Nacional* em 1831, d'onde combateu até 1851 em artigos polemicos com que formou o livro *Conservação, Revolução e Positivismo*. Foi por 1839 que começou a obra monumental da traducção completa das *Obras de Hippocrates*, texto colleccionado sobre manuscritos e todas as edições conhecidas, acompanhado de commentarios medicos, variantes e notas philologicas; formam dez grossos volumes, cujo primeiro contém uma larga e eruditiissima introducção sobre a medicina antiga. Em homenagem a este grande trabalho que abriu a Littré as portas do Instituto em 1839, Darenberg dedicou-lhe a sua *Historia das sciencias medicas*, dizendo: «ouso offerecer-vos a dedicatória d'este livro no qual segui o methodo e puz em pratica os principios que fazem da vossa edição das *Obras de Hippocrates*, um modelo no genero de erudição e de historia applicada ás sciencias.» Littré viveu muito tempo do mesquinho subsidio que lhe competia como membro do Instituto, completando o necessario para o sustento da familia com traducções e artigos de revistas. Mas se o vimos assistir com coragem aos desastres politicos porque passou a França, torna-se ainda mais notavel a coherencia moral que o distinguiu em um seculo, como elle nota, cujo lado fraco foi sempre a inconsistencia das opiniões. A quem deveu elle esta coherencia de espirito e de doutrina, que tanto lhe augmentou o seu poder moral? Ao conhecimento da *Philosophia positiva* de Augusto Comte; foi em 1849 que Littré entrou em relações com o extraordinario iniciador, depois

de ter lido por emprestimo o seu livro. Maravilhado com aquella construcção em que a complexidade dos phenomenos do universo é subordinada a uma ordem logica sob o principio da generalidade decrescente, por onde Comte conseguia, apoiado pela base historica, formar a *Classificação dos Conhecimentos humanos*, Littré tratou logo de vulgarisar a vasta synthese das sciencias em uns brilhantes artigos do *Nacional*, de 22 de novembro de 1844. O curso de Comte havia sido seguido na parte oral por homens como Humboldt, Blainville, Poinet, Fourier; na parte escripta, era então impossivel ao commun dos leitores poder entrar em seis grossos e compactos volumes, e seguir através de uma prosa morosa o nexo doutrinario da grandiosa renovação mental. O servico de Littré foi então inestimavel, não só pelo poder de condensação, como pela sua auctoridade de academico. A obra de Comte era lida em Inglaterra, na Hollanda, na America, mas desconheciam-na em Paris; Littré attrahiu o genio francez para a maior das suas concepções, que tendia a libertar o do absoluto em sciencia e em politica, isto é, da incoherencia metaphisica e da dissolução revolucionaria. Comte foi posto fora do ensino official, e pelas intrigas de Arago, precipitado na miseria; foi então que Littré com uma bondade admiravel, fez um apello ás nobres intelligencias que sabiam apreciar o genio de Comte, e em 1850 fundou a subscrição de que o philosopho viveu até ao fim de seus dias.

Deu-se porém uma dissidencia entre o discipulo e o mestre por uma deducção doutrinnaria; Comte, classificando as religiões em *espontaneas e reveladas*, chegou á conclusão de que segundo a mentalidade positiva ellas entrariam em uma *phases demonstrada*, e n'este intuito organizou um culto sociolatrio: explicando na *Politica positiva*, complemento do grande livro. Littré não quiz acompanhar o mestre n'esta parte, não obstante a convergencia sentimental da Europa, estabelecendo-se no accordo entre as emoções e as opiniões, ir iniciando de um modo consciante esse culto na celebração dos centenarios, como o de Spinoza, o de Hegel, o de Rubens, o de Petrarca, o de Voltaire, o de Camões e o de Calderon. Depois da morte de Comte, fundou a *Revista de philosophia positiva*, destinada a explanação e comprovação da doutrina, publicando ainda em 1869 um grosso volume sobre a vida de Augusto Comte e as origens historicas e organização da philosophia positiva. Os testamentarios de Comte julgaram-no com severidade excessiva; mas é certo que sem a cooperação de Littré, a philosophia positiva se poderia propagar-se em França e no occidente da Europa, por meio dos positivistas ingleses como Mill, Martineau, Lewis, Brewster e outros. Littré fugia para os trabalhos de tenacidade erudita, precisava de uma empreza que lhe enchesse a vida; tal foi o plano do dicionario francez contractado com Hachette em 1841, encetado em 1846, começado a imprimir em 1858, terminado na redacção em 1865, e completamente publicado em 1872. E' verdadeiramente encantador o artigo autobiographico datado de 1 de março de 1880, que se intitula: *Comment j'ai fait mon Dictionnaire de la langue française*; são paginas deliciosas, que educam. Mas o fim do Dicionario era o fim da vida de Littré; foi de 1872 que datou a sua doença, de uma decomposição senil, mas resistindo sempre pela actividade cerebral; jazia em uma poltrona, inclinado, com as pontas dos dedos a desfazerem-se-lhe, pungido de dores, mas pensando com lucidez. Nos ultimos seis mezes caíra no estado comatoso; foi então que sua mulher e filha, faltando no respeito ao sábio illustre, o separaram da convivencia dos amigos, e de convivencia com o abbade Huellan, o baptisaram e lhe deram os sacramentos catholicos. Como explicar esta avidex dos clolicos em se apoderarem do livre-pensador? O homem que armado da sua penna luctara contra a indigencia, morria millionario.

Um discipulo que o acompanhou á sepultura disse— que os paes lhe haviam roubado o corpo, mas que ficavam os livros. É essa a immortalidade do espirito, Littré, alcançou-a.

THEOPHILO BRAGA.

O BI-CENTENARIO DE CALDERON, EM MADRID

(Conclusão)

Já vemos, pois, como as festas se succediam antes e depois das festas officiaes. Vejamos agora estas:

No dia 25 a congregação dos naturaes de Madrid, realisava honras funebres, na igreja de S. José na *calle d'Alcalá*, pelo eterno descanso do seu antigo congregado, D. Pedro Calderon de la Barca.

Os officios foram magnificos, assistindo tudo quanto em Madrid tinha uma missão official para tomar parte na grande festividade do dia 27, assim como o rei, o corpo diplomatico e toda a corte hespanhola.

Não havia no templo de S. José as grandes naves e as longas abobadas por onde podesse resoar, em todo o seu perfume mystico, as vozes plangentes dos orgãos; e as musicas religiosas do seculo XV e do seculo XVII perdiam a maior parte do seu effeito por que ficavam estranguladas nas largas *colgaduras* de velludo e ouro que vestiam as paredes da igreja.

Ainda assim o acto foi solemne e imponente, sendo notaveis pela grande expressão melo-dica, e pelo fundo sentimento mystico que

possuam: o *responsorio* de Duron e o *incitatorio* de Peutrac (seculo XVII), bem como o *offertorio* de Morales (seculo XV).

O aspecto da igreja era magestoso. Hespanha parece que se desentranhou em riquezas decorativas para encher Madrid, desde os seus templos até ás suas janellas. A profusão de velludos que havia por toda a parte era espantosa. É por isso que já nos não admirou a riqueza dos pannos de velludo preto franjado a ouro que ornavam a frontaria da igreja, e que vinham encher de luto as paredes do interior, em cujo fundo negro se destacava um Christo de Alfonso Mena, discipulo de Cano, e um tumulo de marmore de Carrara onde, em letras d'ouro, se lia o nome do poeta.

Ao terminarem os officios funebres os convidados dirigiram-se em procissão civica á capella de S. Pedro situada na *calle* de la Torrecilla de Leal, a depositarem corôas sobre um modestissimo tumulo onde estão guardados os restos mortaes do auctor da *Vida es Sueño*.

Ahí, meia duzia de padres regougaram um velho latim, espargiram alguma agua benta sobre aquella urna singela, illuminada por meia duzia de cyrios que erguiam tristemente a sua chamma fuliginosa e amarelenta, enquanto nas ruas engrinaldadas um bello sol resplandecia n'uma benção gloriosa, por sobre as cabeças delicadas e bonitas de raparigas formosas — o alvo constante dos olhares de todos os forasteiros!

Dia 26, a annunciada procissão escolar.

O cortejo escolar era deveras interessantissimo. Abria com um corpo de *guardias civiles jóvenes*, rapazes fortes, dos seus quinze annos, marchando bem, com um bello espirito de disciplina. Seguiam-se escolas de *niños* e de *niñas*, e especialmente estas ultimas, creanças até dez annos, davam ao cortejo um aspecto infantil que encantava. Vestiam de setim branco, saias curtas, uma saia como as das *seguidillas*, enfeitadas a rendas largas; punham mantilha branca fechada por uma rosa, e calçavam sapatos decotados, tambem de setim branco. Era deliciosa a vivacidade com que pegavam no leque, e o nervosismo com que o agitavam. O seu andar era leve como o d'uma arveloa, e os seus corpos requiebravam-se todos com a graça das sevilhanas, sapateando uma *chula*.

Onde esteja uma creança hespanhola ha sempre alegria, risadas frescas como chrystaes. Teem gestos, teem ditos, teem movimentos que encantam pela naturalidade. Estão muito longe de serem um exemplar do *enfant terrible*, e muito mais longe ainda de se parecerem com essas meninas que saem aos dez annos das nuvens de poeira do baile infantil, para cairem n'am 3.º andar da rua dos Algebés, fallando ás duas horas da madrugada para o predio fronteiro, com o Neves, um do 3, que usa luneta, faz risca ao meio, e anda nos estudos para ir ao exame de furriel!

As escolas superiores iam fechando o prestito, e ahí sobressahiam os estudantes das universidades, vestidos segundo o costume do seculo XVII. Traziam capa preta tendo por cima largos cabeções brancos; gorros pretos com plumas brancas; meia preta e sapato com roseta branca. Um grupo d'esses rapazes, vestidos com os trajos que usava Calderon na universidade de Salamanca, formavam uma *estudiantina*, onde brilhavam as bandurras, os violões, as flautas, os ferrinhos, as pandeiretas, e onde resaltavam as notas casquinadas do estalar das castanholas de marfim, sacudidas por dedos ageis e dextros.

N'esta procissão viam-se os estudantes da nossa universidade de Coimbra, que foram a Madrid alcançar um triumpho e organisar com as universidades d'Hespanha a federação academica da península. Eram João Arroyo, o intelligente organisador do Orpheon academico por occasião das festas camoneanas em Coimbra; Ramos, estudante de direito; Abreu, estudante de medicina; e um estudante de sciencias naturaes.

A procissão escolar fechava com a escola dos *carabineros jóvenes*. Pelo meio do prestito destacavam-se muitos estandartes de setim, de varias côres, offertados a Calderon, assim como enormes corôas de louro com bagas d'ouro, suspensas em hastes, d'onde pendiam largas fitas de seda, em que as creanças mais novas seguravam, fazendo roda.

A essa hora em que a procissão passou em frente do palacio do ministerio do reino, o aspecto da *Puerta del Sol*, com o seu grande repuxo que se elevava a uma altura de trinta metros abrindo-se n'um grande penacho d'orvalho que enchia de nevoeiro os telhados proximos, — era soberbo.

A um tepido e dourado sol espelhavam-se as largas dobras das côlchas de velludo carmezim, enchendo-se de vagas *nuances* de granada polida, e ao centro, cuspiam scintillações d'ouro as armas arrogantes de Castella, com os seus leões em *poses* d'alta escola hippica; os telhados atulhavam-se de espectadores; as janellas estavam preches de senhoras as mais formosas; e por cima d'esta massa humana, ruidosa de conversas, de gritos, de exclamações, de arrastar de carros, de preções, de ruidos d'agua caindo com fracasso na superficie ondulante do lago central, palpitavam ao vento as bandeiras e as flamulas com as côres vivas e quentes da Hespanha, e um bello cen azul, d'um azul de saphyra, cahia magestosamente sobre o quadro, dando-lhe o tom calido e ardente de todas as télas peninsulares...

Eis-nos finalmente chegados ao grande dia, o dia 27, mareado no programma dos festejos para a realisacão da procissão historica.

Tinha-se collocado a ultima bandeira, tinha-se pregado a ultima côlcha. Madrid estava vistosamente adornada, cheia d'um luxo magestoso. Nas ruas por onde havia de passar o cortejo não se viam mais que enormes côlchas de velludo granada, bordadas a ouro; cortinas de lã, amarellas e encarnadas; grandes pannos de Arraz caindo das janellas até á rua e onde sobressaíam velhos assumptos religiosos; e milhares de bandeiras palpitando acima dos telhados cobertos de curiosos.

E' querer tentar um impossivel, o querer descrever minuciosamente a procissão historica de 27.

Vamos nós olhar simplesmente uma parte d'esse cortejo. A melhor posição parece-me ser junto da porta de Alcalá. O espectáculo d'aqui deve ser imponente.

Um largo e ardente sol inunda d'uma luz dourada toda a *calle* d'Alcalá, onde uma multidão se agglomera, ruidosa de conversações e enfumacada de charutos. Pelas janellas vê-se uma infinidade de mulheres bonitas, em cujas mãos palpitam, tocadas d'uma vivacidade andaluza, bellos leques escaletes, onde um artista pintou recordações de touradas.

O bocado do Prado que fica na nossa frente está cheio d'um oceano de cabeças, que se movem com a lentidão d'um mar em calmaria. Um pouco acima sobressaem os folhedos das arvores, onde a forte claridade põe espelhamentos metallicos; e d'um fundo carregado de verdura destaca, na brancura suave do marmore, o vulto de Cybele, magestosamente sentada no seu coche tirado por dois comicos leões, e d'onde saem enormes jactos d'agua, caindo no lago com ruidos fracos e sonoros.

Nadam pelo ar grandes massas de sons vivos, das bandas que então os hymnos nacionaes. Ao longo dos asphaltos vêem-se cordões de artilheiros e infantes fazendo barreira á multidão que se agglomera nos largos passeios. Aqui e ali uma fita de luz espelha-se no bojo d'uma peça Krupp; e por entre a folhagem das arvores, sae a medo, a cabeça d'um garoto, que disfructa a procissão.

Madrid assiste silenciosa e grave ao desfilar d'este enorme cortejo, reconstituicão dos typos mais notavelmente caracteristicos do XVII seculo. Olha impassivel a passagem dos varios

carros de triumpho, carros elegantissimos, d'um grande trabalho de execucao, presidindo a todos elles uma idéa feliz da parte do seu inventor, — e Madrid não tem um viva, uma palma, o agitar d'um lenço branco, uma flôr, que mostre o enthusiasmo que lhe produz esta festa. No dia 22 eu vi Madrid, (e quando me refiro a Madrid refiro-me a toda a Hespanha), acclamar ruidosamente um homem vestido de setim escalete bordado a ouro, por ter tido a pericia de matar um touro depois de lhe ter introduzido duas vezes o seu fino estoque, de lamina estreita e flexivel. Esse homem era Lagartijo. Quando o touro recebeu a segunda estocada, parou rapidamente, encarou o toureiro — e caiu-lhe aos pés, o focinho estendido na arena, os joelhos dobrados, o corpo vibrado por um vago estremecimento de morte, que cae sobre um animal robusto com a rapidez da foice electrica...

Madrid applaudiu delirantemente o seu elegante matador, atirou-lhe á praça com os chapéus desabados dos seus *calaveras*, e com os *abanicos* vermelhos das suas *chulas*; milhares de lenços agitavam-se no fundo negro dos espectadores; uma banda atroava os ares com um hymno de victoria; as mulheres dos seus *palcos* tinham sorrisos vermelhos, d'um sensualismo quente e feroz; na praça expunham-se ao largo sol as tripas ensanguentadas de sete cavallos mortos; o rei deixava cair sobre a sua populaça um ar alegre e satisfeito que vinha até ás *gradas* e aos *tendidos* com a serenidade d'uma benção; e Lagartijo saía da arena, direito e arrogante, tendo nos labios um sorriso de desdem pelas ovações, aquecidas por milhares de garrafas de *manzanilla*!

Pois diante d'esta procissão historica onde se viam:

Os mais phantasiçosos carros de triumpho, desde o carro do bairro de Chambéri — uma grande concha descençando sobre uma plataforma e contendo varias allegorias, — até ao carro de ébano de *Joanna a Doida*;

A *guardia amarilla*, com os seus enormes chapéus de castor branco com pluma e fita encarnada, calção e *colete* de panno amarello, guarnecido com franjas em quadrados brancos e rôxos, guantes de anta amarella, cabelleira de grandes caracoés, espada e alabarda;

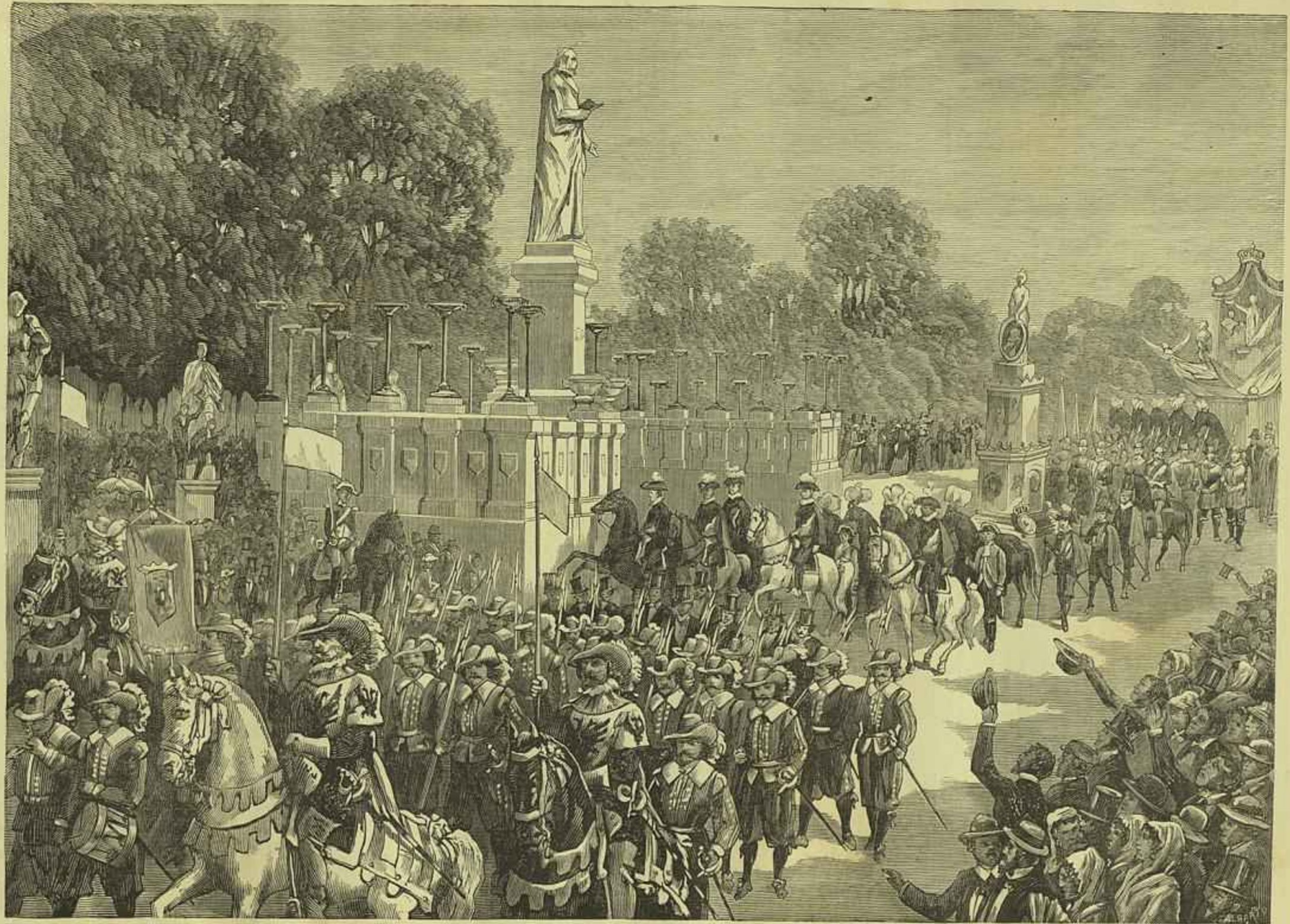
Aguazis vestidos de preto; masseiros ostentando as suas dalmaticas de velludo rôxo, tendo no peito as armas de Castella; pagens vestidos de setim côr de rosa; arautos e alabardeiros; estudantes vestidos segundo o uso do seculo XVII;

Diante de tudo isto que era grande em magestade, e n riqueza, em nota pittoresca, em verdade historica, em imponencia, e em significação, — Madrid conservou-se muda e silenciosa, sendo necessario que um pequeno grupo de portuguezes que ali representavam o seu paiz, começasse a victoriar as glorias de Hespanha, desde o talento dos seus grandes artistas da palavra e do palco, até á formosura deslumbrante das suas deliciosas mulheres, para que Madrid soubesse ter expansão, soubesse ter vida, soubesse ter grandes arrebatamentos de enthusiasmo.

Dado o primeiro grito, todo o mundo lhe correspondeu. Ao enthusiasmo succedeu-se um verdadeiro delirio, e o resto do cortejo era acclamado doidamente, sentindo eu ainda, dezoito dias depois d'essa grande festividade, nos meus ouvidos atordoados, o echo enorme dos bravos que saíam de milhares de gargantas — sedentas de gritaria!

O cortejo dispersou-se adiante do Palacio do Oriente; todo este mundo de espectadores e de actores caiu com furor sobre o jantar, e á noite, no grande ruído d'uma cidade em festa, caminhavam de vagar, n'uma fila continua e eterna, os carros descobertos, cheios de mulheres bonitas que andavam vendo as illuminações.

As quatro horas da manhã ainda os cafés estavam cheios, e nos passeios davam-se cinquenta encontrões para se darem cinco passos...



CORTEJO HISTÓRICO DESFILANDO ANTE A ESTATUA DO POETA, NA PRAÇA DO ORIENTE EM MADRID

JOSÉ D'AZEVEDO PEREIRA DA SILVA

Rareiam mais e mais os valentes que na Ilha Terceira e nas linhas do Porto lutaram pela liberdade e conseguiram a custa dos mais devotados esforços e das maiores heroïcidades, implantar o regimen constitucional, abrir nova era na historia da sociedade portugueza e inscrever uma nova estrophe na epopéa nacional.

São poucos. Nem admira. Bem poucos eram elles quando pozeram pé nas praias do Mindello; mas eram legião, cada um valia por mil porque eram nuncios da idéa redemptora, symbolisavam o futuro, apostolavam a liberdade, vinham quebrar os grilhões da secular escravidão, vinham despranchar o throno carcomido do absolutismo e fazer a luz na treva funda que por tanto tempo se adencêra em torno da consciencia algemada. São poucos os que restam e por isso mesmo importa que lhes memoremos os altos serviços e lhes gravemos em perduráveis monumentos as feições e os caracteres. É piedoso dever, é offerenda votiva, porque não tanto a elles, como a patria e à liberdade, a votamos e depomos nos altares sacrosantos da gratidão nacional.

Entre os restos dismantellados da heroica phalange que ainda ahí vemos n'essa galeria cada vez mais erma e despovoada dos velhos soldados da liberdade, destaca-se o perfil energico, aberto, franco e bom do conselheiro José d'Azevedo Pereira da Silva.

A sua biographia é a do soldado convicto e intrepido que sem immodestias de heros encartado, com o só esforço e alento que dão a fé e a crença, na idade generosa em que os mais elevados sentimentos se albergam no coração e sobredoiram a aurora das esperanças juvenis, se expatriou, accitou, procurou o exilio, correu os perigos maximos, buscou voluntariamente os maiores sacrificios para que a sua terra natal



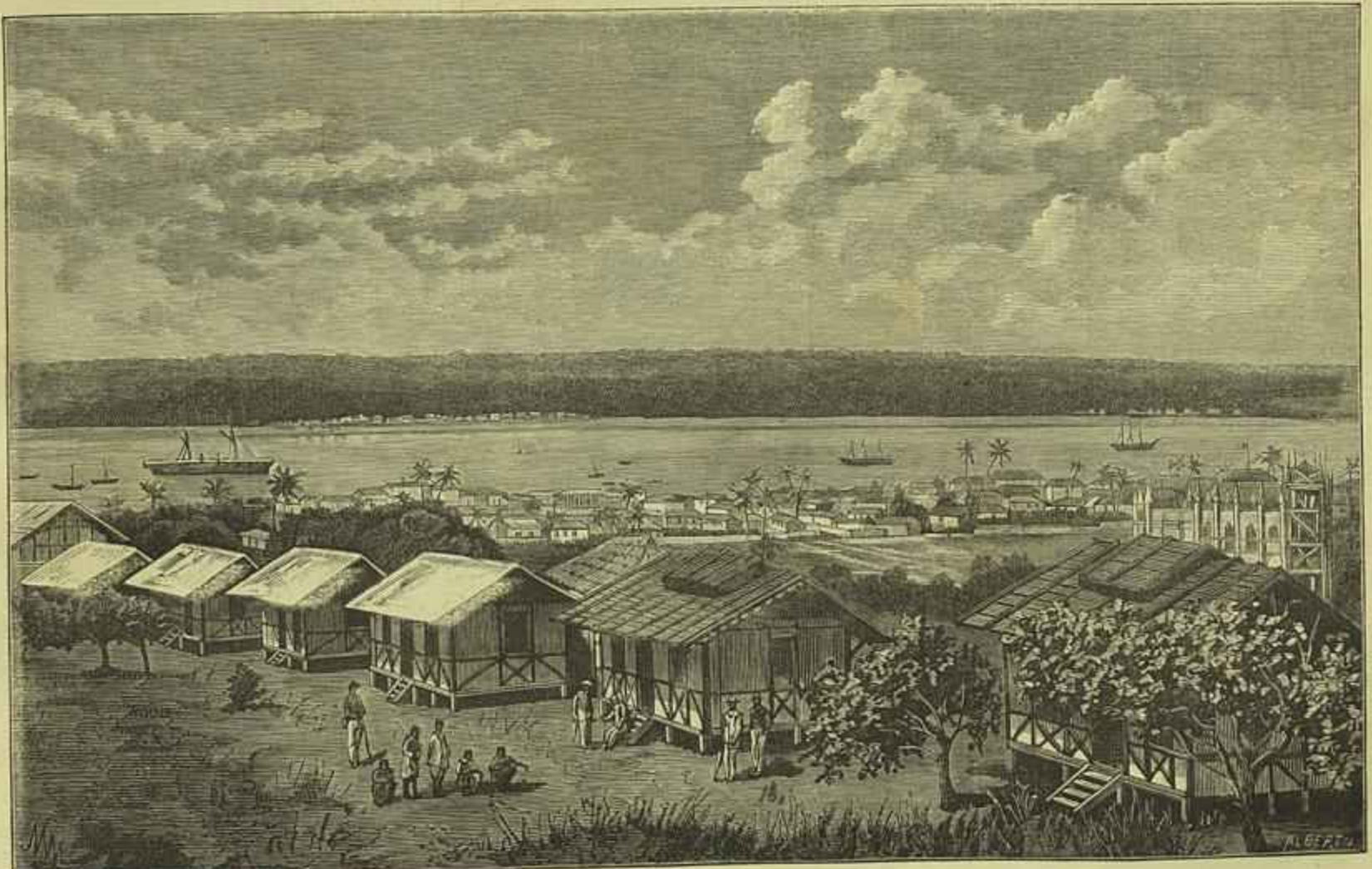
CONSELHEIRO JOSÉ D'AZEVEDO PEREIRA DA SILVA

(Segundo uma photographia de Camacho)

entrasse na communhão européa e conquistasse um logar honrado nas agapes fraternas dos povos livres.

Este o seu ideal da juventude que viu realzado.

Nasceu o nosso biographado a 17 de outubro de 1810 na cidade heroica, no Porto, onde devia lidar com tanto affan pela causa liberal. Foram seus paes Miguel Antonio d'Azevedo Pereira, abastado e honradissimo negociante e D. Maria da Silva d'Azevedo Pereira, senhora de elevadas virtudes, mãe e esposa exemplarissima. Destinado desde a infancia para a vida monastica, não lhe soffria o animo a sujeição do habito e o ressonar das longas litanias e das fastidiosas antiphonas. Preferia, ainda infante, o clangor bellico dos cornetins da cavallaria e o rufar sonoro dos tambores á melopéa roufenha do cantochão acompanhado a tardo e monotonno orgão. Por isso quando já feito o luxuoso enxoval e as largas despesas que exigia o estado de novigo, apresentado no mosteiro da Costa junto a Guimarães, da ordem dos Jeronymos, recusou-se pertinazmente, declarou que não podia ceder a tal violencia e logo regressou ao Porto. Contava então 15 annos. Passado pouco e chedecendo ao seu espirito aventureiro, embarcou como praticante de piloto para o Rio de Janeiro, d'onde voltou mezes depois prompto para proseguir na vida do mar. No Porto, porém, já se respirava uma atmospheta revolucionaria, as saudaveis auras da liberdade estavam inclitando á reacção contra as arremetidas audaciosas do despotismo que chamara á requesta os homens do 1820. No dia 16 de maio de 1828 proclamou-se o grito da revolução liberal e encusado é dizer que José d'Azevedo, que ainda não contava 18 annos foi dos primeiros que pegaram em armas alistando-se na companhia academica. Seguiu-se logo a triste odysseia da emigração. Emquanto os chefes embarcavam no vapor *Belfast* para Inglaterra affim de escaparem á implacavel alçada de D. Miguel que vinha erguer o pa-



AFRICA PORTUGUEZA — LOURENÇO MARQUES, HOSPITAL BARRACA (Segundo uma photographia)

título político no Porto e encher os cárceres e as persigangas de victimas, José d'Azevedo seguia a sorte dos seus companheiros de trabalhos e dos seus irmãos de armas, commandados pelo general Pizarro e por esse heroico soldado que depois teve nome Sá da Bandeira.

Acampado em Lobios, na fronteira da Galliza onde soffreu as torturas e os amargores que os satellites de Fernando VII de Hespanha infligiram nos emigrados portuguezes, descalço, maltrapido, com fome e quasi esmorecendo pelo caminho chegou a Corunha, onde embarcou a bordo da galera austríaca *Aurora*, que transportou os emigrados a Plymouth. Ahi, e porque se malograra a primeira expedição commandada pelo marquez de Saldanha para socorrer os valentes da Terceira, tratou a regencia de organizar clandestinamente nova expedição para a qual foram escolhidos os mais bravos e energicos e que mais desprezavam a vida. José d'Azevedo foi, como sempre dos primeiros. A expedição apoz mil perigos, tendo rompido o bloqueio da esquadra ingleza, conseguiu pôr pé na ilha Terceira, cujos defensores estavam a pique de total ruina. Na Terceira, os voluntarios da rainha começaram por descercar e varrer a cidade de Angra, das guerrilhas que a infestavam. Guardada a ilha e quando as forças liberas se iam organizando, surgiu no Porto da Villa da Praia uma poderosa esquadra do governo de Lisboa trazendo a bordo um numero de bem adrestrado corpo de desembarque. Travou-se sobre aquellas ribas alcantiladas, batidas do mar, a celebrada batalha do dia 11 de agosto de 1829 onde José d'Azevedo combatu ao lado e em competencia com os mais valentes, conseguindo os liberas não só evitar o desembarque mas operar grande carnificina nas tropas expedicionarias. Conquistado o archipelago açoriano, alistados e organizados novos corpos tanto entre os emigrados portuguezes como nos paizes estranhos, fez-se de vella a expedição dos 7:500 que desembarcaram nas praias do Mindello e se fortificaram no Porto, que se tornou o baluarte inexpugnavel da liberdade. Nenhum reconhecimento se fez, nenhum combate se travou, nenhuma batalha se feriu em que José d'Azevedo não tomasse a sua parte de gloria e de perigos. Afinal no reconhecimento da Cruz da Regateira em 17 de novembro de 1832 caiu gravemente ferido. Na batalha de Ponte Ferreira nos dias 22 e 23 de julho d'esse anno foi condecorado com a Torre e Espada, cabendo-lhe a honra de ser o primeiro voluntario que alcançou essa subida e invejada distincção. Pelos seus servicos na guerra foi despachado em setembro de 1833 alferes do 1.º batalhão nacional de Villa Nova de Gaia em que desenvolveu energia e fecunda iniciativa para a terminação da campanha.

Encerrada a lucta e implantado o systema constitucional, José d'Azevedo depois a espingarda de voluntario e a espada de official que todavia retomou durante as pugnas civis que ensanguentaram os primeiros annos do novo regimen. E assim que em 1846 foi promovido a tenente coronel do batalhão de empregados publicos organizado no Porto e n'esse mesmo anno despachado tenente no regimento dos officiaes da rainha. O conselheiro José d'Azevedo desde 1828, em que primeiro pegou em armas, tem servido até hoje leal e indefessamente o seu paiz em varios empregos e commissões. Quando as mercês honorificas, menos espalhadas e vulgares do que hoje, tinham verdadeira significação, o conselheiro Azevedo, recebeu por mais de uma vez a sancção official dos seus assignalados servicos e dos seus meritos reconhecidos. Não é possível individuar todos os factos biographicos de um homem que ha 50 annos serve ininterruptamente o seu paiz, desde os campos de batalha até á banca de chefe de servico da alfandega de Lisboa, lugar que hoje occupa. Poucos podem hombrar com elle e disputar-lhe competencias.

Um ultimo traço para accentuar e caracterisar ainda mais esta phisionomia sympathica. Quando em 15 de novembro de 1876 se desencadeou um cyclone que ceifou tantas victimas no Tejo e tantos estragos accumulou na cidade, José d'Azevedo não hesitou um momento em affrontar o perigo temeroso. Estava o Tejo revoltado. As ondas crespas acoutavam violentamente o caes da alfandega. Os navios garravam no ancoradouro. A força do vento fazia pedaços os mastroes e tunia nas enxarcias que vergavam. Vio-se então o que pode a energia moral de um homem. Vio-se um velho sereno e arauto embarcar n'um pequeno vapor mil vezes em risco de se partir nas muralhas do caes. Por fim e após momentos angustiosos o vapor fez-se ao largo, em demanda dos empregados da fiscalizacao do rio que se julgavam perdidos. N'aquella occasião solemne no momento do perigo reapareceu, por uma transfiguracão sublime o velho soldado o impavido e corajoso martyr do dever, se necessario fosse. O perigo foi grande; mas o dever, que é tambem uma religião, cumpriu-se. Apesar dos 70 annos que leva contados goza, de excellentes saude, é ainda agil e dextro e nada o acobarda. A espada e a espingarda do cerco do Porto pendem agora froutas da panoplia; mas prestes se soltarão, se a patria e a liberdade de novo reclamarem o esforço d'este honrado e benemerente veterano.

ALBERTO OSORIO DE VASCONCELLOS.

LOURENÇO MARQUES

Depois de decidido a nosso favor o pleito que durante mais do meio seculo tinhamos tido com a Grã Bretanha, não era licito que Portugal permanecesse por mais tempo indifferente, e deixasse de dar ao porto de Lourenço Marques o impulso de que elle tanto estava carecendo. Pouco antes da decisão da arbitragem, em 1873, foram pelo escocoz Mac Lachlan descobertas os vastos jazigos auríferos do Transvaal situados no districto de Leydenburg ao nordeste de Pretoria, os quaes receberam

o pomposo nome de campos d'ouro de Nova Caledonia. Apesar de só imperfeitamente pesquisados os novos campos d'ouro apresentavam-se muito promettehores, havendo indícios de metal precioso, já em pilhetas e grossos fragmentos, já sob a forma de quartzo aurifero, em diversos pontos isolados de uma grande area: Pilgrims Rest, Mac Mac, Spitzkop, e o rio Blyde foram outros tantos centros de improvisadas povoações de mineiros cubicosos que ali se foram estabelecer em busca da riqueza.

Ao lado dos mineiros que começaram a viver em barracas de lona, e mais tarde em casinholas de madeira e ferro zincado, estabeleceram-se immediatamente vendições de todos os artigos de vestuario, de comida, e de ferramenta para a nascente industria, hotéis, succursaes de bancos do Natal e do Cabo, correctores, etc. Em Pilgrims Rest que foi sempre a mais populosa de todas as minas chegou-se mesmo a fundar um periodico semanal, o *Gold Fields Mercury* que advogava os interesses da localidade e diligenciava promover o seu progresso.

A relativa proximidade de Pilgrims Rest a Lourenço Marques que não excedia 150 milhas, dava ao nosso porto a grande importancia de ser a serventia natural das minas, e aquella que convinha utilizar sem demora. Natal que ficava a mais de 300 milhas estava razoavelmente fora de toda a discussão, e nunca deveria ter feito ao porto portuguez uma concorrência prejudicial.

Logo em 1873 e 1874 começaram a affluir a Lourenço Marques muitos mineiros de Inglaterra e da Australia em cambio para o Transvaal, em busca da tão apregoada riqueza; e só isso atrahiu as atenções do mundo para aquelle porto, deu um vigoroso impulso no seu commercio de importação, e chamou a estabelecerem-se alli varias importantes casas commerciaes estrangeiras.

Accedendo aos desejos do Governo da republica que n'isso via empenhado o seu futuro, construiu o nosso governo uma toca e pouco esmerada estrada carreteira desde o porto até á fronteira na serra do Lebombo, a qual foi depois prolongada para além até ás minas. Esta estrada que não foi estudada nem construída por engenheiros propriamente ditos, estava longe de apresentar as necessarias commodidades para o transitio de vehiculos de rodas, mas teria todavia servido muito regularmente, se não fora o grande obstaculo que n'uma larga região se apresentava sob a forma da mosca *te-te*, que pela sua picada matava todo o gado domestico e impedia qualquer tracção animal. A não ser na secção portugueza d'ella, onde havia duas pontes sobre os rios do Infalene e da Matolla, e um grande pedaço de aterro com muros de suporta no valle do primeiro d'estes rios, não tinha esta estrada obras d'arte algumas que merecessem esse nome, consistindo apenas em uma facha de terreno em que se cortaram as arvores e removeram os pedregos.

A republica importou por esse tempo da Europa uma porção de material para uso do Estado, consistindo em peças de artilheria, metralhadoras, material explosivo competente, chumbo, e um cofre de ferro. Parte d'estes objectos chegou a ser levada em carretas puchadas a bois que expressamente vieram de Leydenburg, e o resto ou foi vendido em leilão no porto, ou ali jaz por impossibilidade absoluta de o levar para o interior. Algumas carretas foram mesmo abandonadas ao longo da estrada depois de terem perdido pela picada da mosca todo o gado.

Mais tarde, depois de termos com a republica do Transvaal celebrado o tratado de 1876, que mais ainda estreitava com ella as relações que já pelo de 1869 haviam sido iniciadas, querendo o nosso governo lançar as bases de um profundo progresso na nossa provincia da Africa Oriental, e com especialidade em Lourenço Marques, organizou uma forte expedição de obras publicas, habilitou-a com sensatas instrucções e com meios de trabalho, e mandou-a em principios de 1877 para mostrar ao arbitrio e ao mundo, que Portugal não era indigno do acto de justiça que com a sentença de 1875 tinha merecido.

A expedição que foi transportada no vapor *Africa* e que chegou a Lourenço Marques a 7 de março, levava um pessoal tecnico illustrado e muito diligente, bons operarios de todos os officios, e optimo material de todo o genero. Entre este merecem especial menção 19 barracas de madeira que constituem um aquartelamento provisorio e que devia ser immediatamente montado em um sitio lavado de areia e bem orientado.

D'estas barracas, 14 eram iguaes e tinham estres para 10 praças cada uma, 4 eram mais amplas e destinadas a alojamento de officiaes e outra de maiores dimensões devia servir de enfermaria. As barracas foram todas montadas sobre estacarias para não estarem em contacto com o solo, exceptuando-se as quatro de officiaes que foram situadas em cima de um rez do chão de alvaria de tijolo. Como as representa a nossa gravura estão dispostas nos dois lados de uma larga rua do tracado da nova villa, no declivio da encosta que domina o porto. Hoje o abarracamento serve como hospital, pharmacia, alojamento da pharmaceutica e dos enfermeiros, arrecadação, cosinha, etc.

(Continua)

AUGUSTO DE CASTILHO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

O sr. dr. Oliveira Feijão, fazendo communicação ao congresso de um caso muito notavel de microcephalia em Portugal, teve a feliz lembrança de lhe apresentar o exemplar que existe entre nós, e que produziu n'aquella assembléa extraordinaria impressão.

Representam as nossas gravuras de pagina 144 um individuo do sexo feminino, que é a microcephala de que se

trata, e que está ha muitos annos recolhida no hospital de Rilhalfoles.

Chama-se Bemvinda, tem 34 a 35 annos de idade e foi exposta na roda de A'rantes. Pronuncia apenas duas ou tres palavras; um grito agudo é a sua expressão habitual.

Os actos da sua intelligencia são n'ella muito restrictos; mas encolerisa-se facilmente, e algumas vezes ri, e quando isso succede permanece n'esse estado muito tempo. Tem os sentidos um pouco apagados, salvo o da vista; parece não entender nada do que se passa á roda d'ella, obedeendo porém facilmente a uma enfermeira cujo gesto e aceno procura agitadoamente com a vista, um tanto estrabica, e a quem segue os passos, como um animal segue os do dono; quando está em pé, a sua posição é muito curvada, e por isso (sendo de mediana estatura), parece muito mais pequena. Regularmente conserva-se quasi sempre accorrida no chão, com os braços cruzados cercando as pernas. É bastante nutrida e tanto as mãos como os pés são bastante volumosos. A sua locomoção é difficil e caminha tropeçadamente. Conserva-se tempo na posição accorrida, balançando-se; outras vezes quando em pé segura-se ás grades da janella do quarto, e ora se depeçadura por uma ora pela outra, como faz qualquer criança.

Sendo n'ella a intelligencia quasi nulla, é facil de entender que não tem noção alguma do pudor, sendo grosseira nos seus actos ordinarios.

A medida da sua cabeça, segundo os dados apresentados pelo sr. dr. Oliveira Feijão é de 360 millimetros de circunferencia horizontal, mas descontando os tocidos molles, só se poderá julgar de circunferencia á caixa ossea do craneo 340 millimetros. Ora a media d'esta medida nos craneos microcephalos é de 349 millimetros. A capacidade craneana de Bemvinda é calculada em 410 centimetros cubicos, ao passo que segundo Broca a media d'esta capacidade n'estes individuos é de 140 centimetros cubicos e o minimo de 114 cent. cubicos.

O craneo como mostra a gravura apresenta a forma d'um côco ou d'uma pinha, ladeada de duas orelhas muito desenvolvidas, não tem leção, nem achatamento notavel, antes é symmetrico e parece bem conformado, mas o prognathismo é bastante accentuado, a maxilla inferior é mais pequena que a superior, e a arcada alveolar está recuada da superior 0,02; o nariz é longo e saliente, sobresahindo muito a face cujo desenvolvimento não foi suspenso como o do craneo. O coiro cabeludo, com quanto espesso, deixa-se facilmente enrugar.

É pois a nossa Bemvinda o microcephalo mais notavel que tem apparecido, e o mais extraordinario, e talvez o unico que tão grande numero de analises e curiosos tenham tido occasião de observar por seus olhos.

Uma circumstancia que tambem não podemos deixar em silencio é que a vida dos microcephalos é ordinariamente muito mais curta, ao passo que a nossa microcephala, hoje de 35 annos, passa muito bem e goza de uma saude excellente.

Este caso da microcephalia tem muita importancia em anthropologia por isso que alguns naturalistas pretendem que esses e outros casos são a representação actual de tipos outr'ora existentes formando uma phase da transformação dos seres humanos.

Depois do congresso ter ouvido a communicação do sr. Feijão e ter examinado a microcephala, tomou a palavra o sr. Virchow e disse, que elle tinha a microcephalia como um phenomeno puro, e não aceitava a theoria do seu amigo Carlos Vogt. A esta conclusão o conduziram as ultimas observações feitas sobre a relação entre o cerebro dos microcephalos e o dos macacos anthropoides. No individuo apresentado pelo sr. dr. Feijão a apparencia exterior da cabeça approxima-o do macaco, mas o craneo á primeira vista é completamente differente. Nos anthropoides, n'esta mesma região onde anteriormente está collocada a fossa do *Sylvius*, existe um prolongamento da escama temporal que avança até o osso frontal e que separa assim o parietal da aza esphenoidal; ao contrario, a aza esphenoidal no homem junta-se ao parietal por uma sutura, e o temporal e frontal são separados por um vasto intersticio; algumas vezes o *processus frontalis* falta nos anthropoides, ao passo que se acha no homem; portanto não é um caracter absoluto, mas apenas proporcional. É com effeito quasi absoluto no gorilla; existe no maior numero de chimpanzês; falta em muitos orangos e em muito maior numero de gibbons.

No homem é o contrario a raça aria dá o minimo de casos de *processus frontalis* (quasi 20 %); as raças negras quer australianas quer africanas dão maximo (20 e 25 %); assim poder-se-ia dizer que as raças mais inferiores são as mais pithecolides. Em apoio d'esta theoria apresentou o sr. Virchow alguns craneos pertencentes ao gabinete da Escola Polytechnica, fazendo notar principalmente um de microcephalia adulta, que não mostra vestigio de *processus frontalis* e cuja região temporal é tão bem desenvolvida como no homem são. O mesmo succede em todos os craneos microcephalos. Para terminar fallou ainda o sr. Virchow na evolução do craneo do gorilla na mocidade, d'onde tirou outros argumentos contra a theoria que attribue a microcephalia ao atavismo.

Não obstante haver no congresso muitos individuos partidarios ardentes da theoria do transformismo, ninguém se levantou a replicar ao illustre prussiano, uma das mais vastas capacidades medicas da Europa, e que aliás, é completamente desprendido de preconceitos.

(Continua.)

R.

A GUERRA DO PACIFICO

(Continuação)

Chegámos ao fim d'esta triste guerra e vimos entrar triumphante em Lima, o exercito chileno commandado pelo general Baquedano, o heroe vencedor d'essa grande e terrivel lucta.

No numero 88 do nosso jornal demos o retrato d'esse valente chileno a quem a sorte das armas deu o primeiro papel n'essa guerra, que é tão prejudicial no fim de contas para o vencedor como o é para o vencido, senão mais ainda.

O general D. Manuel Baquedano tem hoje 35 annos e já não é a primeira vez que os peruanos o encontram contra elles no campo de batalha. Nascido em Aranco em 1826, a primeira campanha em que entrou foi contra o Peru (1838-1839) pertencendo aos caçadores a cavallo, e tomou parte valerosamente nos combates de Guila, de Matucano, de Buin e de Jungay; em 1831 e 1839 prestou grandes serviços ao governo do Chili collocando-se ao seu lado nas guerras civis; em 1876 tornou-se realmente notavel na guerra contra os indios da Araucania. Quando começou a actual guerra foi nomeado commandante geral da artilheria e entrou nos combates de Pisagua, Dolores, Tarapacá e Jeruano. Elevado depois a commandante da 2.ª divisão chilena, tomou posse de Maqueguia e ganhou a batalha de los Angeles. Investido do commando geral do exercito d'operações, deu o combate de Pacua y Arica, e de victoria em victoria levou o exercito triumphante até ás portas de Lima.

O Chili deve-lhe grande parte da sua victoria e será realmente uma boa fortuna para os chilenos, e se essa laboriosa e industrial republica não terá a perder com ella mais do que a ganhar.

E' necessario um grande tacto, administrativo, um enorme bom senso politico, para se não deixar embriagar com os louros da victoria, para não transformar a gigantesca vantagem que lhe deu a sorte no jogo das armas, no terrivel *qui gagne perd*, que é a lei fatal das guerras modernas.

Terá o Chili esse bom senso e esse fino tacto? As noticias que nos vem de Lima dão-nos todo o direito a julgar que não.

Começa pelas condições da paz.

Ensoberbecido com os seus triumphos o exercito chileno impoz ao vencido as mais vexatorias e humilhantes condições de paz umas condições destinadas a aniquillar as duas republicas do Pacifico, tanto a vencida como a vencedora.

Essas condições são:

Cessão das provincias de Antofagasta, Tarapacá e Tacna.

Indemnisação de todas as despesas da guerra incluindo o valor dos navios chilenos *Esmeralda, Loa, Covadonga e Fanequeo*, perdidos em combate, e da esquadra peruana incendiada em Callao.

Indemnisação de perdas e danos aos súbditos chilenos expulsos do Peru e da Bolivia.

Proibição para o Peru de artilhar os seus portos antes de cincuenta annos, e de ter navios de guerra antes de quarenta.

Tratado de commercio entre as duas republicas, outorgando-se reciprocamente a clausula da nação mais favorecida.

Repartição por terceiras partes entre o Chili e o Peru dos credores estrangeiros reconhecidos pelo governo peruano até 1 de janeiro de 1879 dos productos do guano.

Obrigaçao para o Peru de manter á sua custa um exercito chileno de occupação composto de dez mil homens.

Ora estas condições juntas aos actos praticados pelos chilenos mal entraram em Lima, não nos deixam muitas duvidas sobre o caminho errado e terrivel em que vae entrar o Chili.

Apenas entrados em Lima, d'onde a maior parte dos estrangeiros e muitos naturaes tinham fugido logo que souberam da estada da esquadra chilena no porto de Callao, os chilenos trataram de deitar mão a tudo que havia de notavel na formosa cidade dos Incas e mandal-o para a sua terra. Foi assim que todos os instrumentos e machinas da magnifica escola das Artes e officios de Lima, foram logo para o Chili, que o bello quadro *Os Faneques de Atahualpa*, uma das glorias da pintura peruana, obra de D. Luiz Montero, por elle offerecida á cidade de Lima, que o guardava

na sala da sua Bibliotheca Publica figura já hoje no museu do Chili, que toda a esplendida colleção de feras do Palacio da Exposição desembarcou no porto chileno, que as egrejas, os museus, as academias tem sido despojadas dos objectos de mais valor e que até a magnifica estatua de Colombo, feita em Italia, uma obra prima que a Inglaterra disputou ao Peru a peso d'ouro, e collocada sobranceira á grande praça de touros de Lima, estava ás ultimas noticias muito em risco de ser transportada para o Chili.

Ora todos estes actos demonstram claramente que a victoria subiu á cabeça dos chilenos e que foi uma verdadeira calamidade para aquelle bello e trabalhador paiz. Primeiro a occupação de Lima pelo exercito chileno vencedor desgostou profundamente os proprios soldados que depois de tão longa e ardua campanha aneejavam por voltar á sua patria, ás suas familias a descansar das grandes fadigas, e que vendo-se ao cabo d'ellas presos n'um paiz inimigo e hostil, obrigados a longa permanencia, quando julgavam chegados o fim dos seus trabalhos e proxima a hora de descanso, comecam a desertar para as suas terras, e a abandonar os seus postos com uma insubordinação, no fim de contas, justificadissima.

Depois o Chili, que devia todas as suas prosperidades, toda a sua preponderancia moral, commercial e industrial sobre todas as republicas do Pacifico, ao juizo com que se soubera administrar, á grande paz tranquilla e vivificadora que disfructou emquanto os seus vizinhos do Peru e da Bolivia andavam continuamente em guerras intestinas, em despedaçadoras disputas de governo, o Chili, que ao mesmo tempo que os seus vizinhos se dilaceravam nas luctas civis, se entregava pacificamente sob uma administração intelligente e seria á exploração do seu fertilissimo solo, ao aperfeiçoamento das suas industrias, á prosperidade do seu commercio, vae agora fatalmente lançar-se n'um militarismo esteril e aniquilador, vae-se ver forçado a manter um numero e forte exercito para conter em respeito os vencidos, vae ter esse longo cortejo de generaes que arruina as nações, essa vida nova e terrivel cheia de ambições e patentes, uma vida esterilizada e nociva, que hade crear grandes embaraços á sua industria, ao seu commercio, á sua agricultura, á sua exploração mineira, uma vida que vae desviar todas as atenções, todos os braços, todas as actividades, do campo productivo que fez a sua grandeza, e arrastal-a necessariamente a continuas dissensões intestinas, que naturalmente começarão em breve, quando acabar o governo presidencial de D. Annibal Pinto, — setembro d'este anno — governo que tinha já por successor geralmente aceito D. Domingos Santamaria, um homem de grande capacidade administrativa, e que vae ter agora um candidato novo, um candidato que se apoia no exercito e que representa já o militarismo a invadir o governo do Chili, o triumphador de Arica, o vencedor do Peru, o general Baquedano.

Por outro lado Lima está n'um estado deploravel, aniquilado pela fome, pela miseria, devastado pela guerra civil levantada já entre o dictador Piérola e o governo chileno de Garcia Calderon, ameaçado pela terrivel febre amarella que já começa a fazer victimas na cidade, rodeada de entulho cercada de cadaveres em putrefacção que a todo o momento estão envenenando a atmosphera.

(Continua)

G. L.

EXCERPTOS

Tres generos de pessoas dizem a verdade clara: meninos, doidos e embriagados, uns por falta de idade, outros por enfermidade, outros por viciosidade. Se assim não succeder, ás vezes serão raras. Por isso Zeno havendo estado mui silencioso em um banquete que deu a certos embaixadores, perguntando-lhes, que diriam d'elle ao seu rei, quando vol-

tassem: *dizei, lhes responderu, que vistes em Athenas um homem que entre as mesas e taças não fallava.*

MAN. BERNARDES.

A sociedade nos trabalhos aligeira o peso d'elles, como a singularidade os agrava.

MAN. BERNARDES.

UM QUADRO DE ERASMO

A' devastação d'aquelles bandos infrenes apenas escapou, que se saiba, um quadro d'entre tantos que o celebre artista pintara.

Felizmente esse, que logrou salvar-se, constituia uma das melhores produções, senão a de maior apreço.

D'elle diz Descamps no livro supra-citado: «Entre varios quadros, que Erasmo pintou, o mais consideravel era um Calvario, em que o artista figurara Nosso Senhor no momento de ser crucificado.»

Este celeberrimo quadro, que resistiu incolume áquella época de destruição, existe hoje em Portugal, graças á sollicitude com que d'elle tratou de fazer acquisição um dos nossos raros amadores de bellas-artes, o sr. Antonio Maria Fidié.

Roberto d'Azeglio, B. Descamps, Pedro Larousse, Adolpho Siret, Dircb von Blayswyck, e varios outros escriptores, referindo-se a esta magnifica obra de Erasmo e considerando-a todos como primor d'arte, affirmam ter ella sido conservada com veneração pelo prior Cornelio Muscius na sua cella do convento de Emaus (proximo de Gouda), — convento onde o celebre artista havia professado.

Houbraken na sua «Vida dos Pintores» cita igualmente este quadro; Adolpho Siret (no *Dictionnaire historique des peintres de toutes les écoles*) dá noticia da sua existencia em Amsterdam e de ter sido vendido em 1755 por J. Wit.

«Este é o quadro (diz Siret) citado por Houbraken em seu livro a pag. 18 e 19 da parte 1.ª. Esta obra rarissima achava-se depois no gabinete de M. Ploos van Amstel e foi comprada em 1800 por um tal Calkoen.»

Uma noticia de M. C. Kramm e recolhida ainda por Siret dá este quadro em 1830 como propriedade do conde d'Espinoy (em Versailles).

Da galeria do conde d'Espinoy passou a fazer parte da colleção de M. Guérin, sendo finalmente em 1856 vendido em leilão no *Hotel des ventes mobilières* (Paris), onde o comprou seu actual possuidor.

Achava-se classificado o quadro no respectivo catalogo pela fórma seguinte:

Erasme — N.º 16 — Le Calvaire — Triptyque de double volet, rare et bien conservé, d'un fini précieux.

O sr. Fidié, como intelligente amador que é das bellas-artes, mandou-o restaurar pelo afamado Estevão Le Roy (de Bruxellas), commissario tecnico dos museus da Belgica e reputado hoje no mundo artistico como sendo o primeiro restaurador de quadros.

N'um certificado, com que fez acompanhar para Portugal a pintura que restaurou, Estevão Le Roy expressa-se n'estes termos:

«Eu abaixo-assignado, commissario tecnico dos museus reaes da Belgica, declaro que o triptyco attribuido a Erasmo apresenta no escudo de um guerreiro a assignatura do pintor, a qual me parece offerecer perfeito cunho de authenticidade e me leva a crer que este quadro é effectivamente a unica obra attribuida e conhecida até hoje como produção d'aquelle pintor.»

Segue-se em termos muito lisonjeiros, sob o ponto de vista artistico, a descripção do quadro; e por fim Le Roy termina d'esta fórma:

«Por tudo quanto fica dito, intendo eu que o quadro hoje pertencente ao sr. Fidié pode ser considerado como sendo aquelle mesmo

de que fallam os diversos escriptores que nos seculos xviii e xix publicaram noticias acerca da vida de Erasmo. E para constar, em testemunho de verdade, vao este por mim assignado, etc.»

O sr. Fidié, a cuja amavel condescendencia devemos ter tido em nossas mãos o certificado original do restaurador belga (d'onde fielmente traduzimos os dois trechos supra-transcriptos) facultou-nos egualmente licença para nas columnas do OCCIDENTE apresentarmos noticia d'este quadro — primor d'arte, que seu dono conserva com verdadeira veneração entre os muitos objectos de subido apreço que possui na sua magnifica vivenda do Campo-Grande.

O trabalho de Erasmo, que tão admirado ha sido n'aquella residencia campestre pelos nossos mais conspiciosos intendedores, compõe-se de tres corpos perfeitamente distinctos, — podendo dizer-se de cada um d'elles em especial que ali se esmerou o eximio artista em dar todo o sentimento e propriedade ao fructo da sua grandiosa concepção.

Estes tres corpos constituem o que em bellas-artes se chama um triptyco: — uma parte central e duas lateraes. As duas lateraes podem perfeitamente adaptar-se, fechando sobre a principal ou central, como se fossem duas meias-portas, e dando ao todo a apparencia de um armario ou oratorio.

Abertas estas duas meias-portas (volets lhes chamam os francezes), aprecia-se simultaneamente o conjunto dos tres compartimentos em que o trabalho de Erasmo se pode alli considerar dividido.

Mede esse conjunto das tres pinturas (executadas em madeira) 1^m.16 de altura por 0^m.84 de largura.

O compartimento central ou principal representa o Calvario; Jesus-Christo crucificado entre o bom e o mau ladrão acaba de exhalar o ultimo suspiro; o bom ladrão debate se ainda nas vascas da morte; nos pés da cruz S. João ampara em seus braços a Virgem prestes a desfallecer ante o supplicio de seu Filho; ajoelhado aos pés de Maria, depara-se-nos Santa Magdalena chorosa e elevando o seu espirito a Deus; Sant'Anna vê-se, da mesma sorte, pezarosa e entregue á profunda dôr que a afflige. N'um plano mais afastado está uma das santas mulheres que assistiram áquelle cruento drama. Rodeando o Calvario vêem-se varios soldados e dois cavalleiros; um d'estes sobraça um escudo em que está representada uma cabeça de bronze, cercada d'esta inscripção — *Erasmus P. 1501* — O fundo é montanhoso, e descortina-se á esquerda a cidade de Jerusalem.

No compartimento lateral direito vê-se Christo representado em caminho do Calvario, succumbindo ao pezo da cruz e aos golpes dos soldados; um d'elles arrasta-o segurando-o pela cintura. Santa Veronica recebe das mãos do Salvador a toalha em que ficou estampado o rosto de Jesus Christo. Um pouco mais longe esperam-n'o as santas mulheres em sua passagem. O fundo representa a entrada de uma fortaleza.

O compartimento lateral esquerdo representa o descimento da cruz. O corpo de Jesus Christo está amparado por José de Arimathéa e rodeado pelas santas mulheres que pranteiam sua morte. No segundo plano Nicodemo corre trazendo um vaso com perfumes. Os cadaveres dos dois ladrões conservam-se pendentes nas cruzes.

No reverso dos compartimentos lateraes ha duas figuras pintadas, uma para cada meia-

porta do triptyco, e cada uma com seu letreiro. Na do lado direito lê-se: *Sanctus Pius*. Na do esquerda S. *Vicentius*. Mas estas duas imagens

com um traçado graphico da trajetoria descripta pelo ciclone que produziu o referido temporal.

A. PORFIRIO DE CARVALHO PEREIRA.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA. — 2.^a serie, n.º 4 — Lisboa, Imprensa Nacional 1881. Alem de uma relação de socios ordinarios e correspondentes, e organização, relações externas, expediente interno e actas, insere *Apontamentos para a historia do estabelecimento da colonia agricola, S. Janeiro*, por F. Amalal; *mensagem da direcção aos socios, lida na sessão de 15 de novembro de 1880*; *caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transvaal*, parecer da commissão africana; *posto meteorologico na ilha de S. Vicente*, parecer da secção de geographia mathematica e physica; *tratado de Lourenço Marques e a guerra do Transvaal*, parecer da commissão africana; *congresso internacional de sciencias geographicas*, (3.^a sessão) secção da sociedade do Brazil.

HERANÇA TRAGICA—Primeiro romance da collecção Lubin & C.^{as}, traducção de Cunha e Sá. — Editor David Corazzi, Lisboa 1881 — É o segundo vol. o que saiu agora e não desmente as qualidades do primeiro de que já demos noticia.

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA.— Edição da Empresa Litteraria de Lisboa.— Fasciculo 34 do 3.^o vol. Trata do reinado de D. Affonso V, com uma estampa *Affonso V tenta fugir para a Terra Santa*. Em breve esta importante obra deverá estar concluida porque os volumes que faltam estão todos em via de publicação.

CHRONICA MODERNA. — Publicada pela Empresa Litteraria de Lisboa — Fasciculo 12 correspondente ao mez de maio findo. Insere artigos muito interessantes devidos aos mais festejados escriptores.

OS LUBIADAS. Edição de Emilio Biel, Porto. — Fasciculos 24, 25 e 26, de 16 pag. cada um em folio grande com gravuras em aço, estampadas em separado. A gravura que acompanha o fasciculo 26 é um retrato de D. Pedro II imperador do Brazil, a quem a edição é dedicada. Esta gravura é d'uma nitidez irreprehensivel.

GUIA DO COCHEIRO E DO CARROCEIRO. — Este livrinho que a *Sociedade Protectora dos Animas* mandou imprimir, e que distribue gratis, importa um bom serviço á causa da civilização, porque generalisa noções muito moralisadoras entre as classes, que mais directamente, se servem dos animas para trabalhar, e que em geral tão mal os tratam.

ESBOÇO BIOGRAPHICO DE MARCOS PORTUGAL. — Folheto de 18 pag. em 8.^o, com uma gravura de um busto do biographado, e mandado imprimir pela Academia Marcos Portugal para solemnizar a inauguração do mesmo busto. Este folheto alem da biographia muito noticiosa, insere uma lista completa das obras do grande maestro.

ANNAES DO CLUB MILITAR, N.º 1 E 2 DE 1881. — Publica um plano de melhora-mento para a classe dos facultativos navaes, varios outros artigos de muito interesse, sobre assumptos de marinha, e uma descripção do temporal que occasionou a perda do transporte *D. Carlos*, com um traçado graphico da trajetoria descripta pelo ciclone que produziu o referido temporal.

ENIGMA

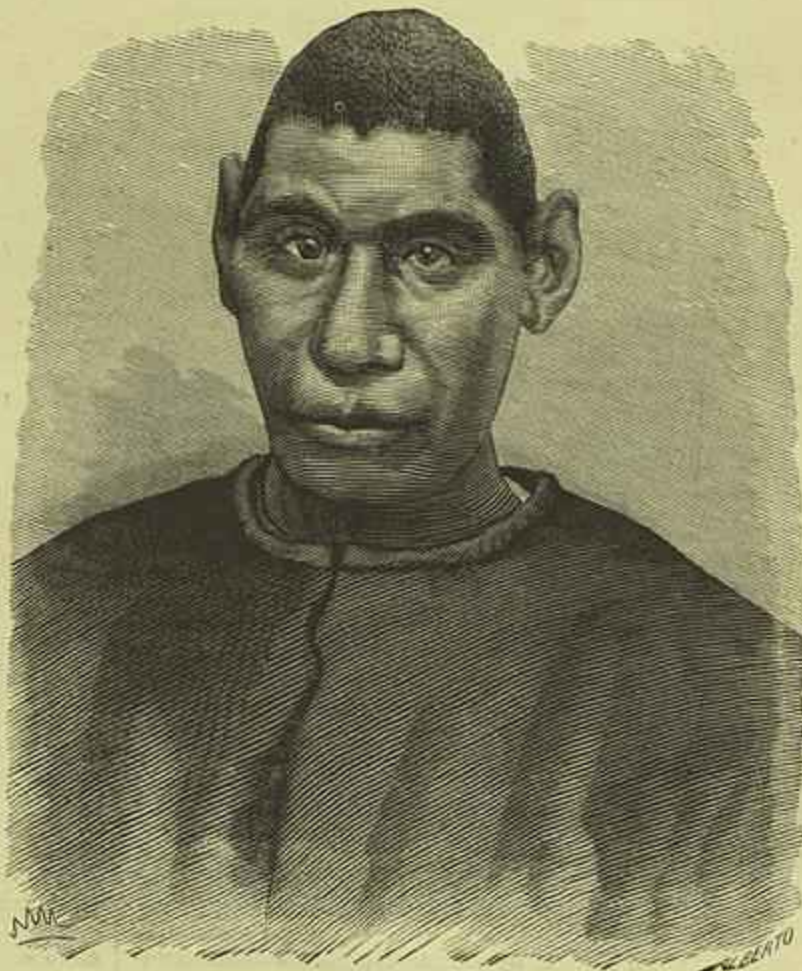


Explicação do enigma do numero antecedente:

É grande risco andar á vela com vento forte.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho. 6



A MICROCEPHALA BEMVINDA
APRESENTADA AO CONGRESSO ANTHROPOLOGICO DE LISBOA

(Segundo uma photographia) — Vid. artigo Congresso, etc.

de santos, com que exteriormente se acham adornadas as duas meias-portas do triptyco, mostram (na auctorizada opinião de Estevão Le Roy) ser de uma epoca posterior e pintadas por outra mão.

Finalizando, só nos resta dar parabens ao nosso paiz por estar hoje em poder de um dos nossos mais distinctos amadores preciosidade tão rara.

Rotterdam para perpetuar a memoria do illustre filho, a quem deu berço, erigiu-lhe uma estatua sobre um pedestal ornado de inscripções e cercado por uma balaustrada de ferro.

Em Bâle, n'um gabinete que é visitado a miudo pelos estrangeiros, existem arrecadados com a mais respeitosa veneração o anel, o sinete e outros objectos que pertenceram a Erasmo, assim como o seu testamento escripto por seu proprio punho e o seu retrato em vestes sacerdotaes tirado por Holbein.

Portugal possui hoje com respeito a Erasmo o que nem Rotterdam nem Basilléa podem mostrar: — o unico quadro que existe d'este exi-